

ROMANCE

# Alzira



Edimilson Ramos

## **Prefácio:**

**Nessa obra o narrador inicia na primeira pessoa a contar a história de Alzira, uma mulher escandalosamente linda, porém, vítima da sociedade pobre do interior de Minas Gerais. Uma aparição repentina na sua vida o leva a descrever na terceira pessoa a sua beldade e após o seu descaminho, o autor transporta Alzira a um mundo dantesco que leva o leitor a pensar nas entrelinhas.**

**Nos meados dos anos 80, século XX, o jovem escritor ouve a história de Alzira e sofre com o seu desaparecimento e se apegua a sua Olivetti para grafar este romance de luz a narrar as desventuras da misteriosa protagonista.**

## À Tarde

Nos dias de folga dos meus estudos, sempre escolhia a literatura ou a rua para espairecer. Eu já havia passado pelo período da puberdade e o hábito da leitura me tornara um escritor. Eu tecia poemas de amor, pois o tinha como um sentimento puro de forte apego por outra pessoa. Estudava a teoria dos movimentos literários e enfim acabara me identificando com o gênero “Romance”, o qual li vários clássicos do século passado. Quando não estava a ler, estava a andar pelas ruas do bairro e finalizava a minha caminhada a me alongar no balcão do trailer de cachorros-quentes estacionado sobre a calçada de Seu Thomás.

E sempre à tarde passava Alzira a desfilas seu corpo esbelto ao alcance dos olhos daqueles que a observavam na ânsia de um dia poder tocá-la. Foi quando a vi pela primeira vez na via passar. Eu achava que ela não percebia o olhar do bilontra, entretanto, ela sabia. Parecia caminhar entre os cones, tal estava a ser o seu jeito elegante de andar paralelo ao meio fio que formava uma linha de pedras a guiar seus passos. Uma privilegiada filmagem ao vivo todos os dias úteis

da semana, uma imagem a se distanciar a cada passada e um leve olhar para trás. A sua mirada discreta não me deixava aperceber que poderia chamar a sua atenção, pelo fato de ser um moço de boa aparência mesmo castigado pelo mormaço que me deixava airoso. Até que por ventura, Alzira me foi enviada. Nunca imaginara que iria surgir no meu caminho a musa dos meus sonhos, a mulher que desenhei em minhas ideias como a mais perfeita criatura da face da terra.

E certo dia o céu estava repleto de pipas a dançar pelo ar, a se cruzar, a ser disputadas pelos destros soltadores. O jovem asfalto recebia os raios de sol e entrava no processo de desmanche e ao mudar do vento, regenerava-se a receber os belos passos de Alzira. Enquanto o vendaval estancava as linhas dos papagaios, ela surgia novamente a virar a esquina e minha mente guardava o seu retrato que fazia coadjuvante a natureza, onde até as nuvens se escondiam para o céu expor a sua beleza. Uma imagem simétrica como a de um quadro clássico valioso. E iniciava-se a grande corrida dos moleques atrás das voadoras e restavam na trilha apenas a deusa e um jovem sonhador. Através de um movimento sensual de seus dedos, a atraente mulher deixou escapulir um pequeno pedaço de papel endereçado a mim, que o sopro do ar me entregou.

Alzira morava a poucos metros de minha morada em uma

casa grande como uma senzala. Seu quintal poderia ser repleto de árvores e plantas para que se formassem flores as quais os colibris se fartariam de néctares e o ar puro da flora a rejuvenesceria, todavia, existia uma frota de caminhões herdada de Afonso. Seu ex-companheiro fora um homem truculento e sisudo, seus cabelos brancos combinavam com a rigidez de seu bigode ferradura que impunha respeito a quaisquer indivíduos locais que ousassem a se aproximar de sua pupila. Era uma proteção exagerada, tal qual uma prisão domiciliar, mas a formosa criatura tinha a liberdade de se ausentar, pois suas algemas eram soltas toda vez que Afonso precisava viajar.

Houve um dia que decidi visitá-la. Ao tocar a campainha, fui atendido como se a dona da casa estivesse a minha espera tal foi a gentileza que fui recebido. Foi-me oferecido um copo de suco de laranja e bolinhos de chuva que foram preparados pelas mãos de Alzira. Ao mesmo tempo em que eu degustava, os meus sentidos se misturavam. O seu cheiro somava ao meu paladar, a vontade que eu tinha de tocá-la e o ouvir do desejo formavam a sinestesia e o iminente beijo. Estava sendo a parceria dos meus sentidos. O olhar para as suas mãos a tocar em meus olhos que fechados a farejavam. Estavam a ser as

simultâneas sensações como o gosto do seu aroma, o perfume de sua pele e a soma de nossas bocas.

Carreguei-a para sua suíte e ao adentrarmos no quarto, ficamos mudos a olhar um para o outro sem saber o que fazer ou como começar algo que eu tão intensamente cobiçava. De repente, ela se aproximou e foi me despindo lentamente a me deixar seminu a travar minhas mãos após eu ter retirado de seu corpo o curto vestido branco que a sensualizava glamorosamente. Tal beleza nunca vista, tão conforme criatura de Deus comparada à sublime arquitetura de Zeus, uma moldada mulher que me encantava, que fazia os meus olhos diante daquele cristal enxergar o mito virar a realidade e a sua beldade estava a me incitar a ser imortal como a Fênix, a ave que canta, que fenece e das cinzas se levanta. Continuávamos plantados frente a frente e nossos corpos foram a se dobrar em cima da cama e assentados como dois meditadores budistas. Sentimos o calor de nossas mãos pela primeira vez. Sua voz deixava a sensualidade e se transformava em um discurso direto com o tom de um desabafo. Esse estava sendo o início de uma confiança recíproca e ela expôs toda a sua trajetória de vida, uma longa poranduba, para que eu pudesse julgá-la e poupou-me.

No dia seguinte, ela partiu.

## Miséria

Uma leve lembrança de seus cinco irmãos na pequena cidade do sul de Minas Gerais a ser distribuídos literalmente para o mundo após a morte de seus pais, pobres lavradores que perderam todas suas economias a tentar sobreviver da praga da febre que gerava calafrios, cansaços, dores de cabeças e vômitos. Antonio, o caçula, talvez tivesse sorte, pelo fato do casal que o adotou apresentar uma boa imagem, o pequeno órfão parecia feliz ao dar as mãos para a chance e os olhos de Alzira lacrjavam ao vê-lo se distanciar da sua presença. Lourdes, a irmã do meio, parecia não entender quando foi carregada por uma senhora elegante que trazia na sacola um saco de balas sortidas. Luzia era quieta a viver no seu mundo peculiar e quando se foi, transportada pela caminhonete de um pequeno fazendeiro, apresentava um semblante de dor a estar não entender o que se passava naquele momento de tristeza. João, o menino que dividia com Alzira a responsabilidade sobre os demais, foi muito resistente a todo este processo, porém se deixou levar pela tutela de um

dono de quitanda. Enfim, as crianças foram divididas e postas fora do alcance de Alzira que fora entregue às mãos de uma malévola mulher que a explorou impiedosamente a fazê-la pedir esmolas em todo centro urbano próximo à região do café. Uma perversidade tão grande que fez com que Alzira tivesse o direito de apenas se alimentar dos restos coletados da cozinha dos restaurantes. Covardes açoites faziam parte do dia a dia daquela menina que conhecia apenas a miséria, uma pobreza tão extrema, que suas vítimas não podem dispor do dinheiro, e vivia de sobras do consumo dos que conseguiam sobreviver à sociedade capitalista que já explorava o homem que nasce sem direito de escolha, escravo de um sistema social, coisa antiga.

Uma foçada de raspão na cabeça quase impediu Alzira de dar continuidade à luta pela vida perdurante. Sua tutora meio ao desequilíbrio gerado pelo excesso de cachaça exagerou no ataque e lançou no momento de fúria a ferramenta que roçava os caminhos das invasões em sua direção que foi desviada pelas mãos de Deus o qual lhe dava livramento a cada passo de sua vida. Somente um milagre poderia tirar a jovem daquela maléfica mulher. O sofrimento continuava a espancá-la durante a sua pubescência e a cada paragem havia o desconforto de pedinchar.



Aos fundos dos restaurantes sentia-se o cheiro do prato e aguardava-se a benevolência dos empregados a separar os pedaços de bifes restados da ostentação dos clientes para matar a fome do dia. À noite chegava e sob as marquises, o cobertor tentava aquecer a pequena criatura que dormia a sonhar. A madrugada era fria sem lua, na rua havia um ser solitário sem rumo, havia um silêncio profundo na noite nua. Nos cantos, drogados vagabundos e a verdade era crua, dona de uma tora de lágrimas que umedecia o emboço de seu rosto.

Durante o amanhecer, o ronco dos automóveis a despertava e Alzira transitava entre eles coberta de lã a procurar um lugar para se higienizar. E surgia a cada dia uma nova menina privilegiada pela rudeza de não se adoecer a seguir sua rotina de penar.

## Luz Vermelha

A jovem seguia sua sina e quando seu corpo formatou-se mulher, fora jogada aos famintos caminhoneiros que percorriam as estradas, dopados de teores alcoólicos a buscar aventuras. Essa sua nova moradia era um casarão de madeira na beira da rodovia a ser iluminada por uma luz vermelha que ornamentava o letreiro da fachada a convidar clientes peitados pela sedução das jovens ninfetas e Alzira infelizmente fazia parte deste time que empanturrava os bolsos dos cafetões. Como uma enfermaria de hospital de ambiente único e separado por biombos, as baias recebiam miscelâneas de odores e quase não havia intervalos entre cada visita à Alzira.

Não havia escolha, era necessário mercar seu corpo em troca de meros trocados para que um dia, quem sabe, ela pudesse fugir a debandar para um mundo diferente que lhe desse a chance de obter conhecimentos e prosperidade, coisas ouvidas e não lidas. Seu talhe a cada dia se tornava mais formoso e à sua procura, os homens a disputavam ao ponto de lutarem corporalmente e havia sangue sendo pingado

aos seus pés.

Em um desses combates houve morte. Um sujeito franzino usava uma jaqueta de couro preta e estava apenas a espairecer e escolhera aquele lugar rodeado de meninas da vida para consumir uma garrafa de cachaça da região e os pedaços gordurosos de torresmo. Do canto do bar observava todo movimento do bordel e viu quando a pequena Alzira levou um tapa no rosto do brutamonte estreante que desconhecia a regra da casa. Levantou-se calmamente e tocou sua mão direita levemente sobre o ombro esquerdo do indivíduo que reagiu a dizer:

- O que foi? Seu Merdinha.

E ao mesmo tempo tentava desferir um soco no rosto do rapaz, mas sua postura de gigante estava totalmente inadequada, visto que o seu corpo invadia o espaço sem nenhuma cautela e recebeu um golpe fatal do punhal que vinha preso na palma da mão fechada daquele que tecnicamente concentrava seu peso na perna de trás para que o jogo dos pés ajudasse no movimento fulminante. O galalau tombava sobre a ardósia a manchá-la de sangue que escorria em direção à porta. Em poucos segundos batera as botas e o misterioso jovem tratou de fazer a limpeza.

Do outro lado da estrada, a mata atlântica recebia a invasão do grupo de caçadores de macaco, que por diversão perseguia os primatas a matá-los. A turma dos covardes invasores da mata estacionava suas pick'ups ao lado do bordel e atravessava a via a iniciar a longa caminhada até o habitat das espécies arborícolas. Os pobres animais amigos da natureza sofriam ataques dos perversos homens que criaram a atividade de enalço apenas por hobby, porém os selvagens não conheciam o perigo do contato das suas carnes mortas.

Seriam filhos de fazendeiros da região dispostos a competirem entre si a mostrar o troféu ensanguentado que cada vencedor trazia nas costas. A comemoração do feito na casa das mulheres da estrada agradava as anfitriãs.

Um desses rapazes, um sujeito garboso, era o que mais chamava a atenção de Alzira toda vez que se apossava do seu desfrute, ela o admirava a dizer que ele possuía um corpo encantador e que seus olhos azulados a hipnotizava e a tornava freguesa assídua do caçante. Talvez fosse a única vez que alguém tenha despertado o seu desejo, mas a recíproca não era verdadeira pelo fato do aventureiro não sequer querer beijá-la durante o ato maquinal.

Este sofrimento precoce da órfã forçada a viver às margens da sociedade, não obtinha a brecha para que

pudesse participar do convívio das pessoas regulares, porque a ilegalidade dos seus afazeres a deixava indefesa, não podendo sequer reagir contra o inimigo mundo consumista, dono de um produto de alta qualidade, entretanto barato.

Durante o dia conseguia descansar, mas logo vinha alguém a incomodá-la cortando as imagens do seu pensamento, figuras daqueles pequeninos irmãos, e a levando ao pior dos procedimentos: a obrigação de servir o maldito indivíduo insaciável que às vezes utilizava da força brutal com palavras nocivas aos seus ouvidos. Tudo isso foi gerando uma imensa melancolia em seu coração a fazer com que não houvesse espaço para o amor, existisse apenas uma inquietação, dona de um sentimento tremido. Sua mente começava a arquitetar planos horrendos tal a frieza que seu coração adquiriu pelas circunstâncias da vida.

Sua fuga seria uma questão de tempo e um dia a oportunidade passaria à sua frente como aquela figura mitológica de franjas enormes e de uma traseira escalvada, lisa como o pau de sebo do lúdico evento junino. Surgiu, portanto, um homem forte de origem portuguesa que se condeou com a sua história, pois o brutamente queria apenas relaxar seu corpo esgotado e pagou a noite inteira pela sua companhia e sequer a tocou. Ao amanhecer a acarreou para

bem longe daquele lugar, porquanto ela se prendera com garra e montara no lombo daquela oportunidade.

Foi uma viagem tranquila, havia uma certeza de que eles não estavam sendo procurados, porque o ato ilícito do bordel impediria a denúncia. A cada quilômetro percorrido, existia uma sensação de alívio e alegria, mesmo sem saber o que viria pela frente. Mas logo na primeira parada, bem longe da infelicidade, Afonso lhe ofereceu um belo banquete e foi servido um rodízio de carnes que Alzira poderia degustar o sabor das mais variadas apetitosas iguarias do boi. Um ato que deu início a maneira pela qual ela seria tratada.

E ao chegar ao seu destino, o subúrbio do Rio de Janeiro, percebeu uma mudança de hábito das pessoas que não eram tão hospitaleiras, porém prestativas e de intenso calor humano. O carioca abraçava a mais ninfa do planeta e a fazia sentir-se em casa. A vida prometia, uma vez que estava no colo da “Cidade Maravilhosa”, entretanto repleta de armadilhas.

## O Novo Lar

Seu novo lar era como um palacete real, tal a diferença do aconchego que agora acomodava aquela linda criatura sempre de formoso torso. Alzira tinha agora um mundo a sua espera onde se ouvia o canto exótico dos pássaros negros que sobrevoavam as margens do rio que recebia as latrinas do bairro como se fosse uma sinfonia. Poderia dormir à vontade, não seria incomodada nem pelo alarme da labuta, nem pela necessidade de matar a fome.

Havia um pássaro poeta em um galho seco entre os verdes do pomar que acolhia o canoro preto que iniciava uma harmoniosa melodia. Ele ouvia o som da vitrola e parodiava as rimas de Chico que outrora cantava ao som da viola todos os dias durante o vagar de Alzira. Existia também o beija-flor de penas tufadas de toda cor que pairava no ar a colher o néctar da mais linda flor a colorir o dia. Um pássaro colorido de visão acurada que apercebia as flores e com sua força nas asas tão peculiar mostrava sua destreza ao se alimentar e depois voava lentamente para trás a observar o vergel florido desejando o sumo mais e mais. Alzira apreciava a ave e pedia em silêncio:

- Conte-me o segredo do seu coração e ensina-me a voar e a extrair o mel da paixão.

O seu quarto estava plantado ao lado de uma roseira regada pelo orvalho da madrugada que todos os dias distribuía flores belas a cobrir sua janela a não permitir que sua nudez fosse revelada. O espelho na porta do guarda-roupa refletia todos os dias a mais bela criatura do século. O gesso do teto continha o mesmo pigmento de cor da sua pele, o fulgor do sinteco do piso iluminava a sua escultura durante o seu pentear e na escuridão, sua imagem congelava como um quadro pintado por Van Gogh.

Foi descobrindo o sabor da culinária carioca, a fartura e o livre arbítrio de escolher o que degustar, visto que fora tratada a pão de ló pelo seu protetor. Aprendeu a cozinhar para que Afonso pudesse lambe os beijos em resposta a sua nova arte.

Uma rede instalada entre duas mangueiras no fundo do quintal que estacionava a frota de carretas, lugar de descanso daquela figura brutamente de bigode despenteado e dono de um coração gigante tal a sua estatura, bamboleava constantemente: ora com a presença de um corpo cansado, ora pelo sopro do vento do norte. O homem passava horas a balancear-se nos seus dias de folga ouvindo fados de sua terra natal quando não estava a jogar bilhar e ao sentia o cheiro da comida, esvaziava o restante da sua garrafa de vinho português e se dirigia ao encontro da mesa forrada por Alzira que o tratava como amo ilustre, pois grata era a jovem para



toda a vida.

Afonso, apesar de seu jeito rude, foi um ser muito especial, logo estaria sendo capaz de dar a sua vida por Alzira, aquela que o encantou desde o primeiro momento que a viu nos bastidores da boca do lixo, como no dia que um bando de rapazes a molestou na orla da praia e foi constrangido pela força física do guardião que esboçava o desejo de eliminá-lo, porém foi contido pela força policial que apenas o advertiu. A encantadora dama sentia-se lisonjeada e adquiria uma imensa confiança naquele indivíduo que poderia ser o seu consorte, porém Afonso deixava bem claro que existia apenas o ágape amor.

## **A Escola**

Havia tempo para tudo, Afonso a deixava à vontade e tornou-se o seu curador, em razão de Alzira não ter ainda completado a maior idade. Foi matriculada em uma escola pública no turno da noite para que pudesse recuperar uma parte do tempo perdido a se alfabetizar.

Ao se apresentar na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos, Alzira despertou em seus companheiros de turma um grande pasmo, porque a sua beleza encantara a todos os rapazes e despertara inveja nas demais alunas. As meninas se sentiam incomodadas pela sua presença, mas a jovem queria apenas adquirir o aprendizado e não se preocupava com nenhum tipo de desacato, as ignorando. O tempo foi passando e tudo voltara ao normal, uma vez que a bela mostrava dedicação nas aulas e prestava apoio a todos os alunos carentes de atenção. O conhecimento adentrava em sua memória com tal facilidade que parecia que seu cérebro o aguardava ansiosamente para que tudo armazenado fosse guardada em longo prazo, o dom descoberto a ser multiplicado

a todo segundo. Aos poucos foi considerada a melhor estudante do projeto e ganhou respeito e admiração pelo seu jeito meigo de atender aquela sociedade que ela desconhecia.

Entretanto, havia um professor que desde o primeiro momento que a avistou, perdeu-se, logo se encantara exageradamente pela venustidade de Alzira e como um cão sabujo tentava de todas as formas levá-la ao seu recanto, lugar onde arrastara tantas matadoras de aula. Isso não a importunava, a beldade seria capaz de ignorar a perseguição e cuidava apenas de seguir a sua vida em conformidade, tal o prazer de estar livre e a ser bem cuidada pelo seu anjo da guarda, Afonso.

A cada período, o registro de suas notas estava a ser guardado cuidadosamente na gaveta de sua cômoda e criava-se a perspectiva de um dia ele se juntar ao certificado de conclusão que representaria uma grande vitória para aquela que nunca imaginara o milagre da liberdade e do conhecimento.

Esse dia chegou após a maioridade e a felicidade despontou imensamente. A jovem acabara de concluir o Ensino Fundamental e preparava-se para outro desafio. Houve a necessidade de mudança de colégio e Alzira fora matriculada em uma escola estadual. Ao se apresentar no primeiro dia de

aula, a história se repetira: O pasmo dos jovens, a inveja das moças e o assédio do professor que parecia que a seguia, que também lecionava nesta escola.

Novamente, Alzira mostrava sua classe em se desviar da maldade, sua conduta era de total seriedade a qual não deixava que o molesto impedisse a sua vontade de vencer os óbices da vida. Tudo parecia fácil para a linda mulher, que a cada dia se tornava mais bela, como uma flor de perfume peculiar a viver no meio jardim a ser notada pelo contraste de sua formosura e cor.

## **Desaponto e Tristeza**

A cada dia a jovem se sentia mais realizada pelas coisas conquistadas: a oportunidade de assistir ao filme desejado; a chance de conhecer o mar através de suas caminhadas na areia; o letramento e a alfabetização apoderados pela sua determinação para que pudesse interpretar o escrito; o paladar dos rodízios promocionais que tanto a fazia farta de comer; a maior idade.

A moça do corpo intacto por natureza, que o tempo não foi capaz de desgastar enfim conseguiu os seus documentos de identidade e se tornou uma cidadã brasileira com direito a participar daquela sociedade promissora, pois diretamente o país havia mudado, o povo poderia escolher o seu governante e as ruas foram lotadas de manifestantes que lutavam por uma nova nação.

Mas era necessário o maior dos desejos, o emprego conforme, para que ela pudesse desfrutar do seu salário inteiramente a comprar acessórios para o seu lindo corpo que continuava a ser um colírio para os olhos dos homens. Sua primeira compra seria um presente para Afonso em gratidão a

todo o acolhimento e depois poderia encher o seu closet de vestimentas. E o processo de mais uma nova vitória dava continuidade e foram solicitados a jovem os exames de praxe para o tão sonhado trabalho que fora interrompido pela fatalidade da presença de um maligno invasor no sangue de Alzira. Estava determinado o laudo de uma contaminação do vírus HIV, porém foi descoberto que não haveria desenvolvimento da doença em seu organismo e que a vida continuaria regular, e que deveria haver a preocupação apenas com o parceiro para que ele não fosse atingido. Esta notícia frustrou todas as perspectivas de Alzira. As portas de emprego se fecharam e o seu lar acabou sendo o único lugar que se poderia trabalhar sem nenhum tipo de discriminação, visto que ninguém saberia do segredo deixado nas fichas cadastrais dos candidatos.

Alzira aguardava o retorno de Afonso para que lhe desse a lastimosa notícia e recebeu outro golpe, a informação do acidente rodoviário em uma estrada no nordeste do país. O motorista do caminhão dormira ao volante e colidira com um ônibus a gerar um terrível acaso que ambos os motoristas foram vítimas fatais.

Seu funeral foi simples, dado que havia poucas pessoas a se despedir. A carga sobre a moça a deixou muito debilitada e

foram dias a se restaurar do choque. Ela estava prestes a tentar resolver a situação da sua estadia, imaginava que algum parente do falecido salvador apareceria para resgatar a frota de caminhões e as casas locadas que pertenciam àquele que deixava saudades. Mas o que surgiu foi uma correspondência para que Alzira comparecesse ao tribunal a fim de receber oficialmente a herança de Afonso, deixada por ele, caso houvesse óbito.

## A Seita

Um fragmento de uma seita religiosa fora instalado próximo à residência de Alzira que todos os dias ouviam o som reteté dos pandeiros a louvar. Adailton, líder da igreja, vivia casado com uma linda mulher que dedicava sua arte de cantar em prol da eficiência musical do coral presidido por ela. Notava-se uma incansável dedicação pela obra e seus filhos a seguiam, em razão do DNA da música parecer ser visível nos seus talentos, e o grupo jovem recebia sempre um convite para os eventos da praça.

Aparentemente, o casal vivia muito feliz e aos olhos dos fiéis seguidores há uma conformidade na vida daqueles que pregam sobre o amor ao próximo. O pecado, doce como o mel, parecia não ter chance para aquela família, o tão astucioso inimigo não teria coragem de se aproximar porque tão grande havia a unção despejada naquele lugar de adoração, mas o malfeitor é também um líder estratégico e foi capaz de apresentar Alzira a Igreja.

A princípio, a bela criatura queria a cura da mais grave patologia surgida no século, mas guardava segredo de sua enfermidade. Procurava uma maneira de acreditar que o bem



vence o mal, pois ela não havia ferido ninguém e estava disposta a clamar pela sua restauração. Seus dias foram leais à instituição e passo a passo ela foi se doutrinando a esperar que o milagre viesse acontecer, todavia houve um dia que o olhar de Adailton rompeu a barreira da confraternidade e varreu sua intimidade a deixando constrangida. Foi decepcionante a cena e logo em seguida vinha à tona o desejo do líder a querer flertá-la às escondidas como fazia com outras mulheres, aproveitando-se da condição de comandante.

Ao mesmo tempo em que havia um desconforto, existia também um início de amizade com a esposa dedicada que lhe contava segredos de relacionamento. Maria dizia que não tinha relações íntimas com o marido devido ao fato dele não procurá-la e demonstrar sempre fadiga a colocar a culpa no dinamismo de seu trabalho pastoral.

Houve várias tentativas de assédio ao seu corpo e Alzira não poderia desistir do seu propósito abandonando o local, porque acreditava que o recobro chegaria por misericórdia do criador, mas os ataques continuavam cada vez mais constantes.

Em uma manhã ensolarada, o calçadão de Madureira recebia a visita da musa dos camelôs que quando passava parava por alguns segundos o pequeno comércio que logo se retomava a tentar produzi-la com seus acessórios e bijuterias.

O artesão imaginava suas sandálias sob seus pés sempre a levantá-lo a deixando airoso e bastante aprumada, o seu corpo sem peso, seletto, ereto e postado a brilhar sobre elas, o seu perfume a refrescar a arte de tiras de couro e suas plantas a deslizar sobre ele o enchendo de ledices a torná-las fetiche. Os anéis banhados a ouro postados sobre uma improvisada mesa forrada de pano brilhavam e lançavam seus raios em sua direção a tentar convencê-la a estender sua mão para ornamentar seus dedos de mel.

Todas as mercadorias expostas pareciam se oferecer a Alzira durante o seu passar, contudo houve um dia que misturado aos fiéis admiradores, estava Adailton a vir em sua direção interceptando a sua trajetória com a desculpa do encontro ser uma simples coincidência. O líder a cumprimentou como se nunca nada estivesse acontecido e lhe deu a informação que à tarde faria uma visita a sua casa junto com as irmãs de oração para realização de uma corrente de fé em prol do seu bem estar. Foi a primeira vez que Alzira viu a seriedade no rosto daquele homem. O convite foi aceito e ao chegar a sua casa, ela preparou um farto lanche para a comitiva. A campainha tocou e ao abrir a porta, não havia ninguém a não ser a presença do insistente caçador que invadiu a sua casa na ausência de Afonso para cometer o coito forçado, o que a deixou sem qualquer reação a deixar com que o faminto sedutor se apossasse das mais belas partes.

Era uma sensação de impotência, mas ao mesmo tempo soltou-se a corda para que o mal fosse por terra, já que a consequência do estupro seria o finamento do fingidor, que

manchava o nome dos que lutam pela integridade da nossa sociedade.

Passaram-se alguns meses e a ausência de Alzira não fora notada, mas uma notícia corria pelos bastidores: Adailton, após o rompimento de seu matrimônio fora internado em uma clínica de infectologia para tratamento no Estado do Espírito Santo para o qual semanas antes haviam pedido transferência.

Iniciava-se uma sequência de concessões da mais bela vítima da sociedade hipócrita.

## O Garanhão

Narciso apreciava seu corpo atlético frente ao espelho do banheiro de sua casa enquanto sua mente capciosa o colocava nos braços de certa mulher linda e maravilhosa que ele vira um dia a passar frente a sua moradia e ao dobrar a esquina, desvaneceu. Seria um sonho, um dia encontrar aquela mulher e poder jogar o seu charme para somá-la as suas aventuras.

E a cada sexta-feira, o pretensioso sedutor deixava a metade do seu dia trabalhado nos bares da cidade e bêbedo dizia que poderia seduzir todas as belas mulheres que atravessassem o seu caminho. O álcool o deixava bonito, rico e forte. Não dispensava ninguém. Havia uma contradição em seus atos, porquanto o que caía na rede era peixe e ao voltar para casa onde sua mulher e seus filhos o esperavam, fazia um teatro a interpretar em forma de monólogo o bom moço que cansado das horas extras queria apenas descansar e dormir.

Sua mulher cansara de tanto escorno sofrido que resolvera então repudiar a presença do marido em sua cama e

vivia dia a dia apenas de aparência.

Seus fins de semana, reservados para o lazer do seu esporte preferido, o futebol, onde após o evento Narciso contava suas aventuras libertinas misturadas às resenhas. Pelas contas, deveriam ser dezenas de vítimas, porque o garanhão conseguia toda semana abater uma presa diferente e descrevia minuciosamente cada detalhe de seus casos. Durante a prosa após a pelada, soltava sua língua maldita a se vangloriar de grandes coisas. O pilantra açucarado não falava apenas de futebol, comentava das ninfetas filhas do bairro a dizer que as pegara e denunciava as suas intimidades de fazerem "barba, cabelo e bigode". Formava-se uma verdadeira roda de injúria sob as marquises do bar que patrocinava o bando de gambás, uma vez que não se respeitava a mulher e filha do próximo. Esta era a rotina do pegador que a cada tapinha nas costas via a dona do estabelecimento acrescentar mais uma rodada de cerveja no seu caderninho.

Em uma tarde de domingo, ressurgiu Alzira a cruzar o seu caminho e obcecado pela sua beleza, Narciso não acreditava que estava diante da beldade que tanto o impressionou. A mais perfeita das criaturas desfilava o seu corpo a caminho da via que a levaria ao ponto de ônibus. Estaria a surgir uma chance de raptá-la aos seus costumeiros matadouros. Ao

parar o seu veículo a lhe oferecer uma carona, a reação da mulher tão encantadora o deixou ainda mais desvairado, logo ela se fazia de custosa até finalmente se entregar. Fora fundamental que aquele momento fosse especial. A dama quiçá fosse a mais ninfa de todas e o momento estava sendo merecedor de uma preliminar acompanhada do melhor vinho. Literalmente fora um preço muito alto que se pagou. A mistura da cevada maltada com a uva destilada o deixava quase inconsciente, todavia não retirava a libido do sedutor. Não houve nenhuma prevenção, existiu apenas a vontade delirante de se sentir másculo. A figura daquela mulher totalmente despida o enlouquecera e suas mãos tentavam alcançar o lombo daquele animal fascinante que o hipnotizava e passo a passo ela cedia à cavalgada. Gotas de sangue eram absorvidas parcialmente a cada movimento da relação e não havia reciprocidade, existia apenas um homem faminto e uma mulher sem paixão. Não houve mais chance de desfrutá-la, visto que Alzira sumiu na estrada.

Entretanto, após algumas rodadas, a ausência de Narciso foi notada e as especulações sobre uma determinada e nova doença fora se ampliando ao ponto de confirmar a sua internação no CTI do hospital público da cidade aos cuidados paliativos. Boatos surgiam nos bares:

- Narciso se envolveu com alguma “Bicha”, uma vez que foi contaminado pelo vírus da AIDS.

- O cara dava uma de comilão e enfim acabou vítima dessa doença de gay.

- Isso é coisa de homossexual!

Esses comentários chegavam aos ouvidos da galera que antes o aclamava e agora estavam a zombar daquele que morreu pela boca.

## O Taxista

Afonso tinha o cuidado de oferecer a Alzira o melhor conforto e apresentara-lhe um amigo taxista para que em alguns deslocamentos houvesse o serviço de transporte. Compras mensais, serviços de Banco e passeios no Madureira Shopping era uma rotina que a dama da casa do caminhoneiro fazia a ser transportada por Bigode e sempre havia disponibilidade para que a graciosa moça fosse conduzida.

Alzira, muito vaidosa, encantava todos com o brilho de sua pele a ser coberta parcialmente pelos tecidos copiados das revistas de modas. Ao adentrar no taxi, seu perfume espalhava-se pela viatura e valorizava o seu interior.

Bigode, muito oficioso, estava sempre à disposição dos amigos e a qualquer hora seria capaz de conduzir alguém para emergência de um hospital. Seu lazer favorito: jogar uma partida de sinuca com Afonso debaixo do galpão que acobertava as miscelâneas das carretas atravessadoras de estados brasileiros. O anfitrião não conseguia derrotar o adversário, pois havia uma diferença muito grande entre a destreza de ambos e a cada golada de cerveja o desejado feito se tornava mais dificultoso. De vez em quando se servia um



tira-gosto aos perseguidores da bola sete e os olhos do taxista não desviavam do movimento da patroa.

Alzira parecia não se incomodar com o assédio, porque estava habituada. Ela sabia se escudar de olhares famintos e cria que nada poderia acontecer devido à imposição de Afonso sobre os indivíduos que frequentavam o seu lar.

Houve um dia que os raios do sol despertara o sono da saudosista mulher que solicitou o transporte para ir ao mercado comprar os produtos necessários para fazer aquele prato de mocotó que Afonso tanto degustava, ao modo que se transformara em uma exímia cozinheira. Quando a buzina do veículo acionou, a graciosa passageira já estava a sair do portão e ingressou no banco traseiro a cumprimentar o motorista com a sua maviosa voz:

- Bom dia, vamos ao Mercado de Madureira.

Os caracóis do ouvido do condutor receptava a mensagem como se fosse um som lírico tocado por um arco de caça que roça suas cordas ao abater a presa. O confortável automóvel de aluguel decolou em direção a um destino peculiar de Bigode, o Motel da Beira da Estrada. Alzira não entendera o cenário e tentava reverter a situação a tentar convencer o espeloteado ser a voltar para casa. Foram inúteis seus pedidos e a vítima resolveu então se entregar.

O animal a atacou tão brutaemente que deu tempo apenas de receber partículas de sangue necessárias para sua propagação. Seu momento precoce o deixou abatido e sem forças para tentar novamente o ato covarde e conduziu caladamente sua tomada para seu recinto e literalmente nunca mais jogou a bola na caçapa.

## O Professor

O sábado amanhecera com o sol a esquentar os costados daqueles que caminhavam pelo calçadão da cidade com o intuito de consumir as promoções das lojas, e da janela de seu apartamento, Arthur espreitava a pensar na solidão que o detinha. Seus casos não eram o bastante para fazê-lo satisfeito, faltava aquela aluna que o enfeitiçara desde o primeiro momento que ele a avistou. Sua beleza o deixou fora de si a pensar que poderia naquela ocasião conduzi-la ao seu apartamento, mas a negativa da formosa o cegara e o que se viu foi uma investida errônea que por pouco não foi transformada em uma tragédia, pelo fato da vitimada mulher não teve coragem de denunciá-lo.

Quando o tempo anunciou o pôr da estrela, o professor descera o elevador e saltara na garagem para conduzir o seu “Kadete” a caminho da praia, lugar onde o mestre adquiria o seu preparo físico devido às condições e benefícios que a natureza tão bondosa o presenteava. A escuridão do abrigo de seu automóvel o deixara por alguns segundos, assustado, pois teve uma sensação de que algo muito ruim estaria para acontecer.

Contudo, ao sair do estacionamento, Arthur ficou pasmo ao ver atravessar em sua frente à figura dos seus sonhos de Eros. Não hesitou e subiu a calçada da via para parar seu automóvel e saltou em velocidade a tentar alcançar Alzira. Tocou suas mãos pesadas sobre o ombro vetusto da modelo que desfilava seu chemise sobre o piso de cacos que atravessava a área comercial da cidade. Os manequins das vitrines ficaram ofuscados com a sua presença, tal a postura juntada a lindeza da dama. E quando Alzira sentiu o peso da palma, se assustou ao voltar no tempo e recordar que aquele sujeito havia tentado seduzi-la na sala de aula durante o seu período escolar. Arthur percebeu o assombro de Alzira e indagou a descarregar palavras de clemências:

- Desculpe-me, por favor.
- Deixe-me conversar com você.
- Estou muito arrependido de tudo que fiz contra ti.

Talvez fosse a primeira vez que ela conseguira abandonar a ira e transformá-la em meiguice. Abriu a guarda para Arthur que vibrava com a possibilidade de poder obter um diálogo no restaurante mais próximo e ganhou uma resposta positiva, que a jovem parecia estar disposta a ouvi-lo. Sentaram à mesa localizada no fundo do estabelecimento e degustaram do mais

delicioso coquetel de frutas que combinava com as cores do vestido de Alzira, um rosa claro revestido de flores amarelas. O papo ficou saudável e parecia apagar o desconforto da cena que outrora entristeceu Alzira. Um convite era feito para que houvesse uma continuidade daquela conversa agradável e foi aceito pela candura daquela criatura. Ao chegar frente ao portão do edifício, Arthur lembrara que havia largado o carro em um local proibido e apressou-se para levá-lo de volta para sua vaga. Apertou o botão do elevador e sentia-se ansioso a perceber o sorriso desconfiado de sempre do porteiro. Abriu a porta da sala e ostentou uma parede repleta de diplomas de formação continuada e pós-graduações da Língua Portuguesa. Alzira ficara disposta a conhecer o ser tão inteligente e já estava a começar a admirar a intelectualidade do seu ex-professor. Acomodou-se no confortável sofá cama que continha a olência de uma fragrância oriental. A despensa do imóvel estava repleta de tiragostos deliciosos que fora servido a fazer o acompanhamento do saboroso antigo vinho tinto seco que parecia estar reservado para aquele momento. Todavia, a formosa criatura dispensava o drink e devorava os palmitos da salada, alimento apaixonante do cardápio diário da encantadora mulher. O anfitrião observava cada pedaço da escultura e o movimento de sua

boca. Tentou se aproximar lentamente do rosto de Alzira que desviou o seu olhar para a janela escancarada e vira que chegara a hora de ir embora e lá fora o tempo estava a fechar a chamá-la de volta para casa.

Levantou-se nobremente e despediu-se de Arthur que ficou decepcionado com a perda do tão desejado prato. E insistiu:

- Não vá.

- preciso ir, respondeu Alzira.

- Estou te pedindo para ficar.

- Não vá, repousava em voz áspera. E quando Alzira tentou abrir a porta, O homem enfurecido impediu que ela partisse.

Não se conteve a agarrá-la forçadamente e a derrubar definitivamente sua máscara sobre os pés firmes da convidada que cedeu, simplesmente cedeu. Ela foi conduzida aos aposentos do esfaimado sedutor e entregou-lhe o melhor dos seus atributos, o talhe despido a desfilas frente a enorme cama quadrada ao som repetitivo da música Streep. O chão liso do quarto cooperava para o deslize da deusa que dançava no ritmo quente a ser apreciada pelas babas misturadas ao intenso desejo de Arthur que nu e deitado na cama entendia quem estava no comando.

E fora adiado o retorno para o lar, pois estava definida uma longa noite de sexo. Alzira se entregava ao matador como

nunca e sobre o efeito da destilada porção do fruto erótico despejou uma enorme quantidade de sangue nos lençóis que forravam a cama que constantemente recebia as “Donzelas dos Pais Feras”. Foi liberada ao amanhecer do dia e ironicamente se despediu de Arthur a prometer que voltaria e nunca mais passou por aquela rua que testemunhara o mais capcioso flerte da história de Alzira.

E a janela fechou-se para sempre.

## O Tribunal

Um dia anterior ao nosso encontro, Alzira já teria negociado a venda de seus pertences e comprara uma passagem para sua cidade natal no interior de Minas Gerais com o propósito de adquirir a casa de luzes vermelhas que a escravizara durante a sua puberdade. Seu desejo seria formar um tribunal para julgar e condenar os trogloditas impiedosos que de passagem derramavam seus suores sobre o corpo das ninfetas vítimas da sociedade. Ela poderia condená-los à morte sem piedade e sua saga seria de forma premeditada, diferente das vezes que foi obrigada a aceitar o assédio.

A mão dupla da BR assustava os motoristas a caminho do nordeste do país e no início da estrada um caminhão carregado de cocos a percorria a cometer diversas infrações que assustavam os que viajavam em direção oposta, ora ultrapassando fora da faixa os motoristas que obedeciam ao limite de velocidade, ora jogando o seu poderoso farol de milha sobre a luz fraca dos veículos que se aproximavam. Após vários momentos que poderiam se transformar em peripécias, o auto enfim chegara a sua parada obrigatória.

A primeira vítima da estrada estacionara seu caminhão infrator sobre o pequeno monte ao lado do escritório da árbitra



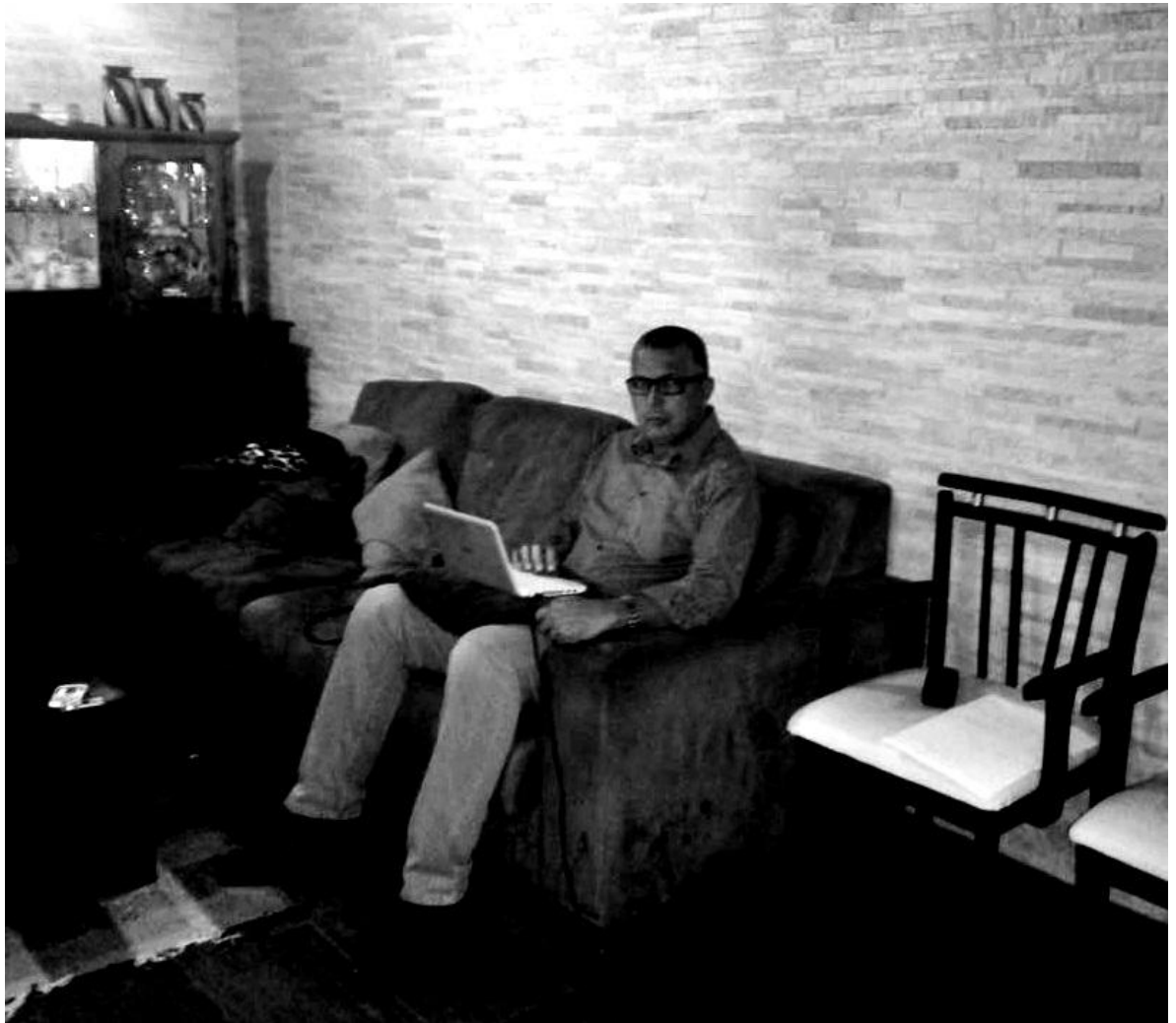
que observava os seus gestos desde o momento que descera do seu transporte de carga. Seu andar, torto como o de um gorila embriagado, ao adentrar na casa exigia uma companhia imediata. Alzira se apresentou ao homem e o levou para seus aposentos que impressionado com sua beleza, ficou a mercê da injetável seringa de sangue oferecida durante o prazer.

Segurou os braços de Alzira e a empurrou para a cama como se jogasse uma peça de picanha na jaula do tigre feroz. Seria o alimento do animal irracional que pela emoção tentava consumir a presa. Alzira enrijecia seu corpo e recebia os avanços do abominável homem da caverna e partículas de seiva maldita eram lançadas para o interior do corpo do selvagem. Os seguranças do alcoice se encarregaram de levá-lo para o seu caminhão assim que terminou o ritual preparado pela togada criatura.

E o ar recebia uma pergunta:

- Até quando?

Somente o tempo será capaz de responder exatamente qual foi o destino de Alzira, escrevi uma história depois que ela partiu. Eu a conduzi para um mundo dantesco, e pode ser que ela esteja viva e deitada em uma rede a apreciar o verde da mata e o ritual das andorinhas no céu a coreografar a natureza a anunciar o verão, inalando o perfume dos campos a ser convidada a participar do mundo dos pássaros que sincronizados dançam no ar.



Entre os livros de minha estante há cantos juntados aos meus instantes em Fagundes, Cecília, Pessoa e outros de desencantos, amores e dores a conversar entre si sobre o amor. Há o que se põe a se perder pela noite, o que vingou pelos cantos e o que falou de si. Eles debatem sobre mim, a respeito da minha forma de grafar, do meu peculiar e da minha inspiração e a se tornar parte deste encontro, minhas letras pedem escusas por contar relatos de amores tantos destinados a alguém em algum lugar.